

DEZEMBRO 2021

#1

Galáxia do CINEMA

A REVISTA

OS MELHORES DO ANO

2021 FOI UM ANO DIFÍCIL PARA O CINEMA
MAS AGORA COM O FIM DO ANO, A CRÍTICA, O PÚBLICO E AS PREMIAÇÕES
COMEÇAM A APONTAR OS SEUS FILMES FAVORITOS

Também nesta edição

ENTREVISTA: BRASIL NO OSCAR | **DOUBLE FEATURE:** CIDADÃO KANE / DEATH OF A NATION

Produtor Antonio Gonçalves Jr.

O melhor e o pior filme da história segundo a crítica



Sumário

Editorial de Lançamento

Declaração de Princípios.....p. 4

*

Entrevista

Antonio Gonçalves Jr.....p. 5

*

Cinema

Clássicos: Vamos sonhar (1936).....p. 8

Contemporâneos: Um filme dramático (2019).p.10

Contemporâneos: WolfWalkers (2020).....p. 12

*

Os melhores filmes de 2021 (p. 15)

Double Feature: Cidadão Kane (1941) / Death of a Nation (2018).....p.18

*

Televisão

Crítica: Rectify - 1ª Temporada.....p. 23

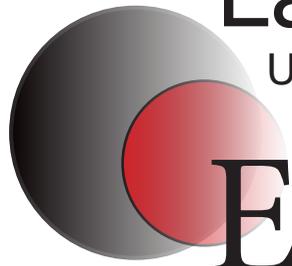
Editorial de Lançamento

Uma declaração de princípios

Galáxia do Cinema: A revista

2021/ N.º 01

Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Rua Bom Jesus, 650, Cabral, CEP 80035-010
Email: pacheco.lhc@hotmail.com



Em Cidadão Kane (1941), a eterna personagem de Orson Welles, Charles Foster Kane, ao publicar (com um certo atraso) a primeira edição do seu jornal *The Enquirer*, ele escreve, na primeira capa, uma “declaração de princípios”, em que ele, como editor chefe do jornal, prometia “dar ao povo dessa cidade um jornal diário que mostre as notícias honestamente” e “dar ao povo um incansável e combativo defensor dos seus direitos como cidadãos e como seres humanos”, duas promessas que, na trágica narrativa do longa e na sua vida como um jornalista marrom, ele viria a quebrar continuamente.

Assim, copiando a atitude inicial de Kane, quero na primeira edição desta revista, declarar que:

1. Serei sempre completamente honesto quanto às minhas opiniões em minhas resenhas, mas tentarei, o máximo possível, manter uma objetividade responsável na reportagem dos fatos.

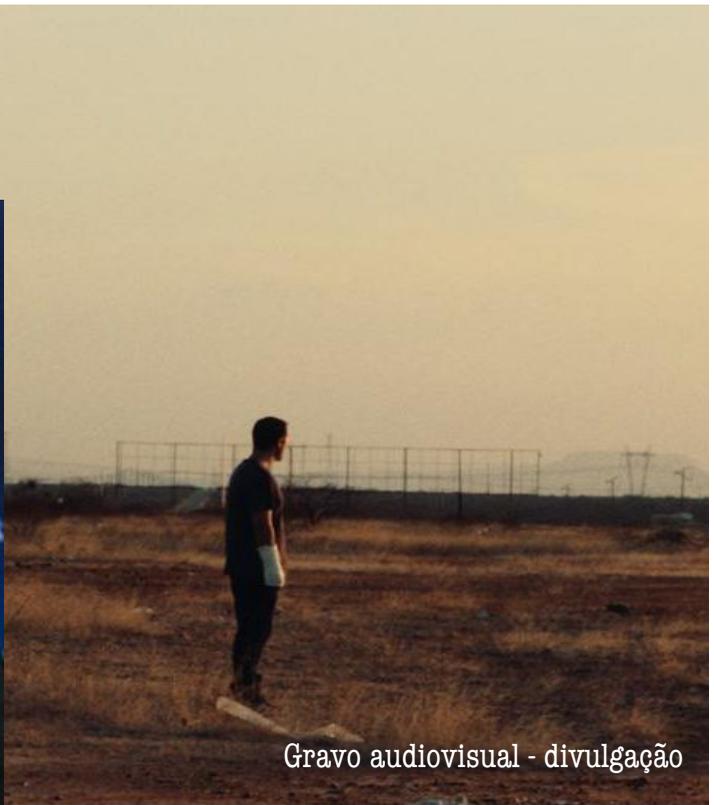
2. Esta revista e o seu autor sempre colocará o cinema, a arte e a cultura como partes importantes da vida em sociedade e que não devem ser, de maneira alguma, menosprezados. Qualquer tentativa de considerar estas manifestações culturais como “inúteis” ou “perda de tempo” deve ser considerada repudiada por esta revista.

Ao contrário de Charlie Kane, espero nunca descumprir essa promessa.

Expediente

Edição executiva: Luís Henrique Cabral Pacheco
Editor assistente: Luís Henrique Cabral Pacheco
Chefia de reportagem: Luís Henrique Cabral Pacheco
Produção gráfica: Luís Henrique Cabral Pacheco
Supervisão gráfica: Luís Henrique Cabral Pacheco
Edição de arte: Luís Henrique Cabral Pacheco
Infografia: Luís Henrique Cabral Pacheco
Coordenação geral: José Carlos Fernandes (Registro jornalista profissional 2967/11/103)
Reportagem: Luís Henrique Cabral Pacheco, Breno Antunes da Luz

A Revista do Galáxia do Cinema é um produto editorial do curso de Jornalismo, do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR)



Gravo audiovisual - divulgação

Antonio Gonçalves Júnior

em entrevista concedida a Luís H.C. Pacheco e Breno Antunes da Luz

Deserto Particular (dir. Aly Muritiba, 2021) foi o filme escolhido pela Academia brasileira de Cinema e Artes Audiovisuais para representar o Brasil na disputa pelo Oscar de melhor filme internacional em 2022.

O longa conta a história de Daniel, um policial afastado que mora em Curitiba e mantém uma relação a distância com Sarah, que vive em Sobradinho, no interior da Bahia. Quando ela para de responder suas mensagens, ele decide viajar para encontrá-la.

Antonio Gonçalves Júnior é produtor do filme. Formado em relações públicas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e em cinema e vídeo pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar), ele é parte da produtora Grafo Audiovisual e fundador do festival Olhar de Cinema. Confira nossa entrevista com ele.

Galáxia: Deserto Particular se passa principalmente em Curitiba e no interior da Bahia. Como produtor, como foi esse contraste, em filmar em dois lugares completamente diferentes?

Antonio: Nossa, é sempre muito desafiador filmar fora da cidade de base da produtora. Então foi diferente com Deserto Particular. E filmar na Bahia, no interior, já perto da divisa com Pernambuco — a gente filmou em dois estados, na região inteira de várias cidades e várias paisagens — foi hiper desafiador. Até porque a estrutura é menor, de tudo, de logística, da própria cidade mesmo, e de questões do equipamento cinematográfico, que a gente teve que levar tudo para lá, e isso acaba encarecendo bastante o orçamento do filme. Tem também a questão do clima, que é bastante dife-

“Eu acho que não há dificuldade nenhuma em aparecer, a dificuldade é conseguir fazer filme”

- *Antônio Gonçalves Jr.*

rente. Muita gente da equipe nem tava acostumado com um lugar tão quente assim, lá chegava aos 46°C de temperatura.

G: Como que as personagens foram representadas no filme?

A: O filme, como qualquer história, é baseada em certos arquétipos, é claro que a gente tenta não ser maniqueísta, unidirecional, mas sim plural na construção das personagens. Mas todos eles são construídos a partir de arquétipos: no caso dos Curitibanos, a gente pega um arquétipo daquela pessoa mais fechada, mais sisuda, até por conta não só de morar em Curitiba, mas por conta também da profissão dele [Daniel] de policial. Então por isso a gente construiu no roteiro essa personagem um pouco mais sisudo, mais fechado, mais na dele, mas também muito carinhoso com seu pai. A transformação dele também é como ser humano, o filme é essa busca dele para se entender como ser humano, entender questões amorosas dele, de como ele se relaciona com o mundo. E ir para a Bahia é realmente uma jornada pessoal interior dele de descoberta e de mudança.

G: Você participou de todos os curtas e longas de Aly Muritiba. Poderia falar um pouco da relação de vocês?

A: A gente se conheceu na faculdade de cinema.

Nem eu nem ele somos curitibanos, eu vim para cá em 2006 para fazer a Faculdade de Artes do Paraná (FAP-Unespar). Ele já morava aqui há algum tempo, ele se casou com uma curitibana e veio morar aqui. Aí em 2006 a gente se encontrou no curso de cinema e vídeo da faculdade, na mesma turma. E lá a gente já começou a fazer os primeiros trabalhos. Então desde sempre a gente pegava e fazia os filmes, trabalhava neles, produzia, produzia, produzia para realmente praticar. E com isso fundamos a produtora, fundamos o Olhar de Cinema - Festival internacional de Curitiba, e acabei produzindo todos os curtas dele e agora todos os longas-metragens que ele produziu até hoje, então é uma parceria que vem já de 15 anos trabalhando e amadurecendo juntos — sempre tentando possibilidades, amadurecendo a visão, a proposta de cinema, de linguagem.

G: Como você se sentiu quando descobriu que o filme tinha sido escolhido como o representante do Brasil para o Oscar de 2022?

A: Foi uma surpresa, é claro que a gente o inscreveu, mas não esperávamos tanto que isso fosse se concretizar. Aí a primeira coisa que eu penso é o

“O nosso objetivo hoje é estar na shortlist no dia 21 de dezembro, para depois pensar em uma indicação”

- *Antônio Gonçalves Jr.*

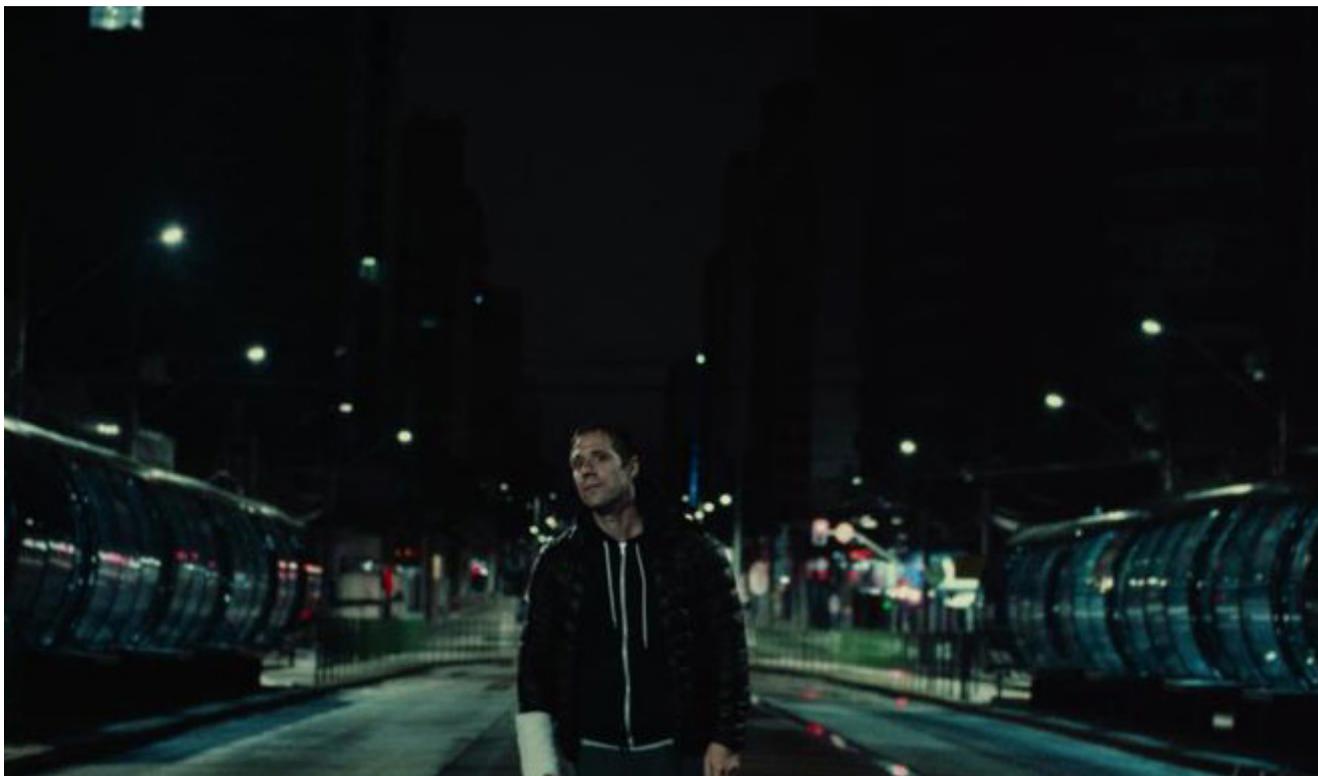
desafio que isso demanda. Porque isso é algo novo, eu estou nessa área e conheço bastante coisa, mas, assim, cinema é uma loucura, tem sempre alguma coisa nova que a gente nunca fez, pela qual nunca passou, que a gente precisa conhecer. Todos os filmes, inclusive, são diferentes e com o Oscar não iria para outra direção que não a descoberta de algo novo. Então com isso vem o desafio, vem a responsabilidade, porque não só eu realmente tenho de assumir essa responsabilidade de fazer o melhor que posso dentro das condições, mas também tenho de tentar criar as melhores condições para fazer uma campanha legal. E hoje a gente tá na reta final já da campanha, dessa primeira fase, e o nosso objetivo hoje é estar na shortlist no dia 21 de dezembro, para depois pensar em uma indicação.

G: Como alguém que faz cinema no Brasil, qual a dificuldade que você acha que os filmes brasileiros têm de aparecer internacionalmente desse jeito?

A: Eu acho que não há dificuldade nenhuma em

aparecer, a dificuldade é conseguir fazer filme. São políticas públicas de financiamento, planejamento estratégico e de continuidade do cinema e audiovisual brasileiro: é isso que falta, é isso que nos diferencia dos outros países e que nos coloca atrás desses países. A gente apresenta resultados muito rapidamente a partir do momento de alguns anos de continuidade de políticas públicas voltadas ao fomento do setor audiovisual. E com políticas super inovadoras, super inventivas, como a do “próprio setor pagar taxas para realimentar o próprio setor”, isso é uma política que começou há 15 anos atrás e que é super inovadora e admirada no mundo inteiro, mas ela foi completamente descontinuada em 2018. Então a dificuldade maior é essa, e de resto, o cinema brasileiro certamente vai muito longe e é muito bem querido e aceito pela sua qualidade no mundo inteiro.

Entrevista feita em 03 de dezembro de 2021



GRAFO FILMES, DIVULGAÇÃO



Sacha Guitry e Jacqueline Delubac em *Vamos Sonhar* (1936), reprodução IMDb

Vamos sonhar (1936)

Título Original: *Faisons un rêve...*

Luis H.C. Pacheco

Direção: Sacha Guitry

Roteiro: Sacha Guitry (baseado na própria peça)

Elenco: Sacha Guitry, Raimu, Jacqueline Delubac, etc.

Gênero: Comédia

Duração: 86min (1h26min)



nota: 4/5

MUITO BOM

Durante uma festa formal, um casal (Raimu e Delubac) se encontra com um antigo conhecido (Guitry); ele convida os dois para irem à sua casa no dia seguinte, pois ele gostaria de lhes mostrar algo.

O marido fica um pouco relutante pois diz que teria uma reunião importante no horário marcado, mas acaba indo junto com a esposa de qualquer forma.

Depois de esperarem por algum tempo em um escritório sem sinal do dono da casa, o marido decide ir embora, deixando a mulher esperando pelo anfitrião. Mal o marido sai de cena, o homem deixa seu esconderijo (o banheiro) e nos é revelado que, na verdade, ele e a mulher são amantes.

A partir daí, Vamos Sonhar (dir. Sacha Guitry, 1936) passa a acompanhar o amante. Ele se encontra mais algumas vezes com a personagem de Jacqueline Delubac, sempre tentando estar longe da suspeita do cônjuge.

A maneira como a premissa do filme é executada e apresentada, ainda mais depois que certos fatos são descobertos, é simplesmente incrível e divertida. Ademais, o roteiro como um todo, composto em grande parte por diálogos e monólogos, é maravilhoso; o jeito que toda a história é amarrada, junto com situações e conversas legitimamente hilárias, são apenas alguns dos aspectos que fazem esse longa, que é essencialmente uma crítica à hipocrisia da classe alta francesa, ser tão bom quanto é.

Mas o que realmente se destaca entre as várias qualidades desta obra são três coisas: Sacha Guitry, Sacha Guitry e Sacha Guitry. Além de ter escrito o roteiro, dirigido o filme e escrito a peça na qual o roteiro é baseado, ele também interpreta o amante e completamente rouba toda cena em que está (que é praticamente o filme inteiro).

O que se destaca entre as várias qualidades desta obra são três coisas: Sacha Guitry, Sacha Guitry e Sacha Guitry

Jogando diálogos rápidos, verborrágicos e engraçados, Guitry apresenta um timing cômico admirável, marcando sua presença seja em uma simples conversa, seja em um longo monólogo em que quebra a quarta parede. Se os constantes falatórios não ficam enfadonhos ou maçantes depois de meia hora de filme, é, em grande parte, por causa dele.

Como já citado, o roteiro é baseado em uma peça de teatro e, por isso, várias características daquele meio acabam passando para a adaptação; entre elas, os já citados monólogos e longos diálogos. Por causa dessas semelhanças, a fotografia (Georges Benoit) sabe se aproveitar bastante de planos longos, registrando vários dos discursos em um único plano, o que, para 1936, é impressionante e merece o devido reconhecimento.

Outra consequência desse formato é que, com exceção do prólogo (a festa), o filme se passa inteiramente em um só cenário: a casa da personagem de Guitry. Mesmo gostando dessa teatralidade, consigo imaginar como alguém poderia não gostar dessa característica.

Vamos Sonhar é uma delícia de comédia. Rápido, energético e engraçado, o filme não para de entreter por um segundo. Sacha Guitry absolutamente domina sua obra de maneira fenomenal, estando sempre no centro das situações e temas de um roteiro muito bem trabalhado e que conta, para melhor ou para pior, com um aspecto teatral sempre presente, seja nas falas das perso-



reprodução IMDb

Um filme dramático (2019)

Título original: Un film dramatique

Direção: Eric Baudelaire

Elenco: David Pop, Anida Ait Abdesselam, Fatimata Sarr, etc.

Gênero: Documentário, Ficção Científica (hehe)

Duração: 114 min (1h54min)



nota: 4/5

MUITO BOM

Como parte de uma tradição na França, explicada pelo diretor Eric Baudelaire numa entrevista dada à equipe de curadoria do Olhar de Cinema, 1% do orçamento de obras para construção de estabelecimentos públicos é destinada à comissão de um trabalho artístico, normalmente sendo uma escultura ou algo que integre à arquitetura do local.

Contudo, para a construção da escola Collège Dora Maar, no subúrbio de Paris, a obra de arte comissionada foi algo mais imaterial: um filme. Então, com a ajuda de alunos voluntários, Um filme dra-

mático (dir. Eric Baudelaire, 2019) foi construído usando uma colagem de imagens amadoras filmadas pelas crianças, combinados de um registro do esforço delas no fazer dessas imagens, junto com parte dos diferentes cotidianos de cada criança, num processo de quatro anos. E o resultado é mais do que satisfatório.

Imediatamente, na cena inicial do documentário, é possível ver e sentir um dos aspectos mais cativantes do filme. A cena consiste em alguns dos alunos sentados juntos em uma mesa discutindo como

eles irão fazer seus filmes, e isso é só o primeiro momento que traz consigo aquela maravilhosa ingenuidade infantil quanto ao cinema.

É algo tão puro, tão inocente e, pelo menos para mim, tão maravilhosamente reconhecível, que não há como não estabelecer uma conexão com aquelas crianças nos seus objetivos. Essa visão criativa e infantil do cinema está impregnada em diversas partes do filme e é uma das suas características que mais conseguem manter constante o interesse.

Não só isso, mas também a maneira que esses jovens vêm e interpretam o mundo “adulto”, muito provavelmente copiando as opiniões de seus pais, é algo interessante por si só. Ver esses “pequenos adultos” discutindo coisas como política, descendência e geografia, usando argumentos e contra-argumentos regularmente baseados em absolutamente nada, estendendo essa discussão por algum tempo e então decidindo ver quem está certo na internet, para só então nenhum dos dois lados chegar a algum consenso é cativante demais.

E essas partes são ainda mais acentuadas por causa dos acontecimentos importantes que estavam se desenrolando na França na época das filmagens, quais sejam a eleição presidencial de 2017 e os (naquela época) recentes ataques terroristas ao país. As discussões desses momentos invadem as salas de aula e as imaginações dos alunos, provocando debates, opiniões e questionamentos que, sob o olhar honesto e de certa forma ingênuo das crianças, mesmo que às vezes claramente influenciado pelos pais, se transformam em questionamentos realmente importantes e difíceis até de um adulto responder. Um dos momentos mais impactantes é justamente quando uma das meninas pergunta ao seu pai o porquê de quererem expulsar os imigrantes do país.

Com essas características, o filme mostra um profundo respeito com esses futuros cidadãos, de maneira que a obra se torna, de certa perspectiva, uma

ode à infância, e mais do que isso, uma homenagem às liberdades, aos questionamentos, à criatividade e à inocência desse período da vida, que é sinceramente bonito de se ver representado assim. É também interessante notar que o longa lembra um pouco o incrível *Ser e Ter* (dir. Nicholas Philibert, 2002), outro documentário francês que também compartilha desse respeito, mas com crianças ainda mais novas.

Porém, como já citado, a produção de *Um filme dramático* demorou quatro anos, e, conforme o filme progride, é possível ver tanto o crescimento dos alunos quanto um certo melhoramento e maior profissionalismo deles com a câmera e com as imagens que registram.

Na medida do possível, o espectador acompanha essa evolução ao mesmo tempo que vê o amadurecimento daqueles jovens que, se no início do doc saíam por aí filmado qualquer coisa sem muita preocupação, ao final já se preocupam com iluminação e posicionamento da câmera. Como o diretor comenta naquela entrevista, ele é um cineasta autodidata e, ao aceitar o trabalho, não queria ensinar diretamente aquelas crianças, mas queria que elas também viessem a aprender essa arte na prática, o que, em certa medida, foi o que aconteceu.

Se eu tenho algum problema com este filme é que ele é um pouco longo demais. Sinto que algumas cenas poderiam facilmente ser cortadas sem muito prejuízo ao produto final.

Un film dramatique é um bom documentário. Deixando as crianças contarem suas histórias e se expressarem por meio do cinema, mostrando sua inteligência e criatividade, esse filme até simples consegue fazer maravilhas e deixar um ar nostálgico. Talvez seja um pouco longo demais, mas certamente consegue conectar com o espectador e, sem dúvida, mostra o impacto e a certa magia que o cinema certamente tem ao se conectar conosco durante a infância.

LHCP



WolfWalkers (2020)

Direção: Tom Moore e Ross Stewart

Roteiro: Will Collins

Elenco: Honor Kneafsey, Eva Whittaker, Ross Stewart, etc.

Gênero: Aventura, Animação, Fantasia

Duração: 103 min (1h43min)



nota: 4.5/5

ESPETACULAR

WolfWalkers (dir. Tom Moore e Ross Stewart, 2020) conta a história de Robyn Goodfellowe (Kneafsey), uma jovem inglesa que se muda com seu pai, Bill Goodfellowe (Bean) para uma cidade murada chamada Killkenny, na Irlanda. Na época em que o filme se passa, em meados do século XV, a Irlanda fazia parte da Comunidade da Inglaterra, governada pelo Lorde Protetor Oliver Cromwell (McBurney), de cuja guarda o pai de Robyn faz parte.

A menina, porém, não se adapta muito bem a esse

novo lugar. Enquanto no seu antigo lar ela tinha espaço e liberdade para se aventurar pelos campos e brincar com seu falcão de estimação, Merlyn, agora ela se vê confinada aos muros da cidade e, mais ainda, aos limites da pequena casa onde mora. Por causa disso, ela, sempre que pode, insiste em sair com o pai para fora dos muros da cidade, onde ele vai para colocar armadilhas para os lobos do bosque próximo ao vilarejo. No entanto, Bill nunca permite que a filha o acompanhe nessas suas incursões pela mata. Isso porque os lobos completamente aterrorizam os cidadãos de Killkenny,

que os querem o mais longe possível de suas casas e plantações — e isso inclui o Lorde Protetor, que possui um palácio no centro da cidade e quer que os lobos sejam exterminados.

Um dia, porém, Robyn consegue escapar da cidade e ir até os limites do bosque, onde ela encontra um alcateia de lobos. Ela tenta se defender, mas acaba ferindo Merlyn, que é levado para dentro da floresta por uma estranha menina ruiva, que parece andar junto com os lobos. Robyn decide segui-la e descobre que ela é uma WolfWalker, uma criatura que é humana enquanto acordada e loba durante o sono, e que possui habilidades de cura, que ela usa para curar o pássaro.

A partir de então, Robyn e a menina, chamada Mebh (Whittaker), se tornam as mais improváveis amigas. Isso, porém, deixa a inglesa em uma situação complicada, já que, além de nem dever estar indo ao bosque, ela agora tem uma perspectiva completamente nova quanto aos lobos que lá vivem, que ainda são muito temidos e odiados pelos cidadãos, pelo seu pai e, mais importante, pelo Lorde Protetor, que deseja vê-los exterminados — algo que a garota não pode deixar que aconteça, nem com os lobos e nem com sua mais nova amiga.

A primeira vista, vários aspectos dessa história podem até parecer não muito originais e até meio clichê: uma menina que tem dificuldade de se encaixar decide proteger a natureza dos adultos malvados que querem destruí-la. Essa premissa facilmente poderia se tornar algo bastante previsível e tosco. Porém, o grande diferencial desse filme é exatamente que ele consegue subverter isso, apresentando o seus temas e personagens de maneira tão diferente e bem realizada, que o longa se mostra como algo muito maior do que sua premissa.

Penso que o fator de maior peso, que faz essa história dar realmente certo, são as personagens. Tanto Robyn quanto Mebh, além de serem personagens extremamente cativantes, têm desenvolvimentos

muito bem realizados, de maneira que o espectador não só quer vê-las ter sucesso, mas também consegue entender todas as suas motivações, suas nuances, suas hesitações, suas escolhas. O filme faz um trabalho tão bom em nos fazer conhecer e entender estas personagens que, mais próximo do final, quando ambas são obrigadas a fazer escolhas difíceis, as suas decisões são completamente compreensíveis.

Mesmo no início do filme, quando Robyn tenta repetidas vezes sair escondida da cidade, desobedecendo seu pai. Em algum outro filme, isso talvez pudesse ser visto como uma teimosia repetitiva e chata da garota; nesse, é algo completamente compatível com o espírito aventureiro da personagem e algo na qual a audiência que ver ela ter sucesso. Se as personagens não fossem tão cativantes e bem construídas, isso não seria possível.

Não só as suas atitudes, mas as circunstâncias em que as personagens são postas ajudam e muito nas suas construções. E esses contextos certamente ajudam a desconstruir aquela premissa clichê que citei antes. Afinal, Robyn não é meramente uma “menina que não se encaixa”, ela é uma imigrante, uma estrangeira, no contexto de uma Irlanda que já não era tão amigável aos seus colonizadores.

Ela não simplesmente quer “proteger a natureza”, ela, dividida, se vê tendo de se colocar entre os interesses de seu pai, a quem ela ama, e da sua nova amiga para tentar salvá-la. E não é um conflito ‘preto no branco’ de “adultos malvados” que querem destruir a natureza, mas de pessoas igualmente humanas, que não querem mais ser aterrorizados pelos lobos e querem proteger a si mesmos e suas famílias, assim como o pai de Robyn.

Mesmo o grande vilão, o Lorde Protetor, tenta sempre se justificar de suas ações com uma suposta ética cristã, falando sempre que eliminar os lobos é a “vontade do Senhor” (o que é bastante interessante, já que a palavra em inglês “Lord” pode ter

um sentido deliberadamente ambíguo nesse contexto). Sua personagem lembra bastante a do Juiz Claude Frollo, de *O Corcunda de Notre Dame* (dir. Gary Trousdale e Kirk Wise, 1996), que também balanceia seus atos monstruosos com uma suposta moralidade religiosa.

O que esses contextos também mostram é como o filme consegue misturar elementos históricos e folclóricos irlandeses, algo que esta mesma produtora, a Cartoon Saloon, e o mesmo diretor, Tomm Moore, já tinham feito no encantador *A Canção do Oceano* (dir. Tomm Moore, 2014). A história envolve elementos específicos da cultura irlandesa, o que inclui tanto a maneira como eles misturam sua religiosidade com superstições populares e folclore, quanto a sua aversão aos seus colonizadores ingleses, por exemplo — além de outras coisas mais específicas que talvez passem despercebidas, como o preconceito contra ruivos, que faz as crianças da cidade os associarem aos *WolfWalkers*.

Mas não só de personagem e contexto se faz uma animação, por mais complexos e bem construídos eles sejam. Falta falar da animação em si, pois ela é absolutamente extraordinária.

Em primeiro lugar, o filme faz algo que torna longas desse tipo ainda mais especiais: ele se beneficia do fato de ser uma animação. A verdade é que o gênero ‘animação’ tem certas especificidades e liberdades que outros gêneros simplesmente não possuem; entre os quais está a relativa falta de limitações que ela apresenta. Enquanto projetos *live-action* podem ter certos problemas para construir e tornar realísticos mundos e personagens da fantasia, a animação não passa por esses mesmos problemas — tanto que a fantasia está na animação desde seus primórdios. Portanto, quando um filme usa tais características gênero-específicas em seu benefício e em benefício da sua história, como faz “*WolfWalkers*”, ele se torna ainda mais único e especial.

Um exemplo de como a mídia animada é usada

em favor da história é os traçados. O filme é desenhado de uma maneira relativamente rústica, com uma estética de expõe mais claramente os traçados de lápis que contornam os desenhos, mas ao mesmo tempo contrasta isso com os movimentos dos personagens, que são bastante fluidos e suaves. Quando, porém, acontece alguma cena mais tensa e emocionalmente forte, os animadores comunicam esses sentimentos das personagens também pelos traçados do desenho, que se tornam mais grossos, menos limpos, mais claramente “rabiscados”, e a animação dos personagens também se torna mais dura, menos fluida, as bordas da tela ficam mais grossas e “aprimoram” as personagens entre os limites da imagem. Estando tudo calmo ou tenso, a animação tenta refletir isso, e funciona maravilhosamente bem.

Se isso não bastasse, o design tanto das personagens quanto dos cenários também são muito bem feitos. Enquanto tudo na cidade, incluindo os cidadãos, é desenhado de maneira bastante geométrica, quadrada, com os prédios se tornando vários retângulos chapados à distância, a floresta é bastante circular, redonda, mais tridimensional, o que se reflete até no desenho de Mebh. Os efeitos que o filme possui também são muito bons, como a maneira que eles conseguiram capturar visualmente como seria a perspectiva do olfato e audição de um lobo.

Enfim, *WolfWalkers* é espetacular. Suas personagens são seriamente cativantes, sua história é incrível e sua animação fantástica. Além disso, o filme trata de diversos temas que podem o fazer funcionar como uma alegoria à imigração e à xenofobia, além, é claro, da questão ambiental que é inerente a sua história. A inclusão de elementos da cultura e história irlandesa só tornam a experiência mais culturalmente rica e interessante. Tudo, desde a dublagem até os mais simples detalhes da animação, mostram porque este é meu filme favorito de

LHCP

Matéria de capa:

OS MELHORES DO ANO

Com o fim do ano chegando, a crítica e o público apontam seus filmes favoritos de 2021

O ano de 2021 não foi fácil para o cinema. Mesmo com a vacinação avançando mais rapidamente desde a metade do ano, e 2021 tendo sido efetivamente melhor do que 2020 neste quesito, a pandemia de covid-19 continuou sendo um problema para a produção cinematográfica e para os cinemas — além, é claro, de uma triste tragédia humanitária que afeta a todos.

Contudo, nada disso impediu que este ano contasse com a estreia de novos filmes. Inclusive de filmes que foram amplamente considerados como muito bons. Mas quais foram os melhores filmes do ano?

Esta é, claro, uma resposta bastante subjetiva, pois cada um terá sua própria opinião. Portanto, para tentar apontar qualquer um, dois ou mil filmes como sendo os “melhores”, é necessário delimitar, primeiramente, na opinião de quem, e, em segundo lugar, os indicadores que apontem para essa opinião.

Por sorte, todos os anos, existem três indicadores que podem servir de parâmetro, apresentando de maneira bastante útil a opinião de grupos muito diversos de indivíduos. Estas seriam: as listas dos agrega-



OSCARS, DIVULGAÇÃO

dores de críticas; as listas das *databases* abertas; e as escolhas das premiações de cinema ao redor do mundo.

OSCARS 2021

Deste último grupo, as premiações, nenhuma é mais prestigiada e desejada do que os prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, mais conhecidos como Oscars.

E como a Academia sempre seleciona uma data limite para indicações que é anterior

à votação, mas posterior ao início do ano em que a cerimônia acontece, alguns filmes acabam sendo indicados no mesmo ano em que eles estrearam. Em 2021, esse foi o caso de *Judas e o Messias Negro*, *Estados Unidos vs. Billie Holiday* e *O Tigre Branco*.



Judas e o Messias Negro, reprodução IMDb

Judas e o Messias Negro (dir. Shaka King, 2021) conta a história de Bill O'Neil (interpretado por LaKeith Stanfield), que é designado pelo FBI para ser um infiltrado no grupo ativista Panteras

Negras, e servir de informante quanto às ações de um de seus líderes, Fred Hampton (Daniel Kaluuya). O filme foi vencedor de dois Oscars — melhor ator coadjuvante para Kaluuya e melhor canção original — e foi indicado a mais 3 categorias, incluindo melhor filme.

Já **Estados Unidos vs. Billie Holiday (dir. Lee Daniels, 2021)** recebeu apenas uma indicação, na categoria de melhor atriz principal para Andra Day — que acabou perdendo para Frances McDormand. O longa acompanha a cantora de jazz Billie Holiday, quando ela passa a ser alvo de uma operação secreta do Departamento Federal de Narcóticos dos EUA.

O Tigre Branco (dir. Ramin Bahrani, 2021), que também recebeu apenas uma indicação, a melhor roteiro adaptado, narra a complicada trajetória de Balram Halwai (Adarsh Gourav) de um garoto pobre vivendo na sua aldeia natal na Índia, até se tornar um empreendedor de sucesso



Jasna Djurjic em Quo vadis, Aida? reprodução IMDb



em Nova Delhi.

A opinião da crítica

Os dois principais sites agregadores de críticas de cinema, o Metacritic e o Rotten Tomatoes, divergem quanto a qual filme seria “o melhor” deste ano.

O Metacritic coloca no topo do seu ranking o drama bósnio **Quo vadis, Aida?** (dir. **Jasmila Zbanic, 2020**), com um impressionante 97 de nota, que conta a história de Aida, uma tradutora das Nações Unidas na pequena cidade de Srebrenica, na Bósnia, quando a cidade é invadida pelo exército sérvio.

Já o Rotten Tomatoes elegeu **Nomadland** (dir. **Chloé Zhao, 2020**), com 93% de aprovação e média de 8.8, como o melhor de 2021. O filme é baseado no livro reportagem de Jessica Bruder, e acompanha a história de uma das várias pessoas que vivem como nômades, vivendo em trailers nos EUA.

Ambos os filmes citados, porém, foram lançados originalmente em 2020, mas estão listados como sendo de 2021 por causa da disparidade entre suas datas de lançamento em festivais/exibições fechadas (em 2020) e em exibições abertas ao público (em 2021). Ambos concorreram ao Oscar em 2021, em que **Nomadland** venceu a estatueta de melhor filme.

Também foi compilado, pelo Metacritic, uma lista que tenta mostrar quais são os filmes mais citados na lista de “melhores do ano” de diversos veículos e críticos. Nesta lista, o filme que ficou em primeiro lugar foi o recém-lançado **Ataque dos Cães** (dir. **Jane Campion, 2021**).

A voz do povo...

Já no Internet Movie Database (IMDb), cujas notas são votadas pelos usuários do site, três filmes se destacaram: *Homem-Aranha: Sem Volta para Casa*, *Duna* e *Jai Bhim*.



Double Feature – Cidadão Kane / Death of a Nation

LHCP

Esta é a primeira edição de Double Feature, um quadro que planejo ser recorrente nesse site e que tem como objetivo expressar minha opinião sobre dois filmes ou duas temporadas de séries por vez.

Sempre um(a) dos filmes/temporadas será um(a) com avaliações positivas da crítica ou do público e o(a) outro(a) será exatamente o oposto, um(a) filme/temporada avaliado(a) negativamente.

Para isso, me basearei em dois sites: um

para a opinião da crítica, o Metacritic; e o outro para a opinião do público, o Internet Movie Database (IMDb).

Nesta edição, temos os dois extremos da crítica. De um lado, o filme mais bem avaliado do Metacritic (nota 100), o clássico Cidadão Kane (Dir. Orson Welles, 1941). Do outro lado, o filme pior avaliado do site (nota 1), o documentário político Death of a Nation (Dir. Dinesh D'Souza e Bruce Schooley, 2018).



ORSON WELLES EM CIDADÃO KANE (1941), REPRODUÇÃO IMDB

Cidadão Kane

Título Original: Citizen Kane



nota: 5/5
OBRA-PRIMA

Direção: Orson Welles

Roteiro: Herman J. Mankiewicz e Orson Welles

Elenco: Orson Welles, Joseph Cotten, Dorothy Comingore, etc.

Gênero: Drama

Duração: 119 min (1h59min)

É difícil simplesmente escrever uma crítica para Cidadão Kane. Para falar a verdade, é quase um desafio. Eu poderia sentar aqui e escrever elogio após elogio, superlativo após superlativo e então publicar. Porém, eu não só acho que isso não seria o suficiente, mas também acho que ficaria bastante repetitivo e meio clichê.

Por quê?

Bem, porque esse filme é amplamente considerado como um dos melhores (se não o melhor), o mais revolucionário e um dos mais influentes filmes já feitos. Portanto, eu seria apenas mais um o reverenciando. Com isso dito, realmente penso que qualquer problema que alguém possa, seriamente, ter com esse filme ou é resultado de quebra de expectativa ou alguma implicância irritante.

Este longa é, com toda seriedade, uma inegável obra-prima, especialmente se considerada a época em que foi feito. Pode-se dizer que o cinema hoje não seria o mesmo sem Cidadão Kane.

A história começa com a morte de Charles Foster Kane (Welles), um milionário magnata da comunicação. Em seu leito de morte, profere sua última palavra: “rosebud”. Sem contexto ou ideia do que aquilo signifique, um grupo de jornalistas se compromete a investigar a vida de Kane até descobrir o significado.

O filme então se compõe de entrevistas e flashbacks que mostram a vida do empresário sob os olhos de seus conhecidos, amigos ou não, construindo no processo um quebra-cabeça tridimensional, diverso e não linear, que é o personagem de Charles Foster Kane.

Apresentando um arco de ascensão e queda por meio de uma narrativa recortada, não linear e relativamente complexa, e contando com várias qualidades técnicas, Cidadão Kane foi inovador para o seu tempo e, talvez ainda mais relevante, influenciou o cinema posterior a ele.

Uma maneira simples de se notar isso é assistir um fil-

me, por exemplo, da década de 1930 e então Cidadão Kane e ver qual mais se parece com um longa que seria lançado nos dias de hoje (o que também é testemunha à atemporalidade da obra).

Os principais papéis do filme são interpretados por atores de rádio e teatro, fazendo suas primeiras aparições no cinema. A qualidade das performances, surpreendentemente, não é de forma alguma prejudicada por isso, sendo de nível excepcional.

Cidadão Kane é um estudo de personagem excelentemente bem construído que até hoje influencia inúmeros cineastas. Tem atuações incríveis, principalmente a de Welles, uma bela fotografia, ótima direção, um roteiro incrível... e lá vou eu escrevendo elogio após elogio. Bem, isso tudo simplesmente se resume no fato de que esse é um dos melhores filmes já feitos e uma obra-prima que todos deveriam ver.

LHCP



ORSON WELLES, REPRODUÇÃO



DON TAYLOR EM DEATH OF A NATION (2018), REPRODUÇÃO IMDB

Death of a Nation

1/2

nota: 0.5/5

INASSISTÍVEL

Direção: Dinesh D'Souza e Bruce Schooley
Roteiro: Dinesh D'Souza e Bruce Schooley
(baseados nos livros "The Big Lie" e "The Death of a Nation" ambos por Dinesh D'Souza).
Elenco: Dinesh D'Souza, Victoria Chilap, Pavel Kríz, etc.
Gênero: Documentário
Duração: 108min (1h48min)

Eu percebo que é bem normal que alguém que tenha certa posição política não só discorde mas também desgoste de um filme, especialmente um documentário, se esse filme tenha uma posição diferente, até oposta à do espectador. Por exemplo, é esperado que alguém mais politicamente progressista não gostaria de um documentário mais conservador e vice-versa. Contudo, esse não é um documentário político comum e os problemas que ele tem estão muito além de uma simples discordância política.

Para tentar explicar esta... coisa, olhemos para a premissa e a conclusão de todo o argumento que ela tenta transmitir:

Premissa – os nazistas são de esquerda

Conclusão – Donald Trump é como o novo Abraham Lincoln e ele vai salvar os Estados Unidos de um novo

plantation político [o que quer que isso signifique] do Partido Democrata (que são nazistas, aliás)

QUE?!

Pois então; entre aquela premissa idiota e essa conclusão maluca, existe esse filme: uma série de falácias, interpretações errôneas, teorias da conspiração e mentiras completas que tentam de alguma forma conectar aqueles dois argumentos enquanto também faz recriações de cenas históricas da Segunda Guerra e entrevistas extremamente vergonhosas.

Aliás, essas entrevistas são grande parte do filme e são praticamente todas a mesma coisa: o co-diretor e roteirista, Dinesh D’Souza, falando com alguém (nem sempre alguém de relevância para o assunto) e tentando conseguir citações deles que de alguma forma “provem” o ponto que ele quer confirmar. Ele sempre faz aquelas estúpidas perguntas do tipo “então o que você está dizendo é...” para que consiga fazer os entrevistados dizerem o que ele quer que eles digam. Isso é vergonhoso.

Uma dessas várias entrevistas é uma que, sozinha, destrói todo o argumento do documentário porque destrói a sua (estranha) premissa. Ele fala com o líder supremacista branco Richard Spencer, da Alt-Right. Spencer diz ser um conservador que apoia Donald Trump.

A partir daí não deveria haver dúvida que nazistas são de direita se alguém que é neo-nazista diretamente te diz isso! Mas MESMO ASSIM D’Souza consegue tirar as palavras “bem, então acho que sou progressista” da boca dele e continua a negar a Alt-RIGHT como sendo de direita; simplesmente passa a incluí-la como uma das enganadas pela conspiração (e eu nem mencionei a parte em que ambos comparam Spencer a Malcolm X).

Durante essa entrevista, como também em outras partes do filme, o co-diretor parece confundir significados da palavra “progressista”. Quando ele fala de Megele, o médico nazista, ele diz que Mengele era “a favor do progresso”, portanto, ele era um “progressista”. Se você acredita que “progressista” no sentido comum e “progressista” no sentido político da palavra são a mesma coisa, ou você é alguém politicamente progressista ou... você talvez seja o Dinesh D’Souza.

No decorrer de todo o filme há inconsistências e falácias como essas. A coisa do “democratas são como nazistas” é em grande parte baseado no argumento completamente ilógico de que ‘se os democratas são esquerdistas e os nazistas são esquerdistas, então os democratas são nazistas’.

Esse é o nível lógico que se está lidando quando se analisa esse filme. E isso é quando o filme não está simplesmente contando mentiras.

Ele seriamente tenta argumentar que os nazistas tinham nenhum problema com a homossexualidade! Isso é brincadeira? Não, isso é uma absurda e revoltante MENTIRA. Gays foram perseguidos e mortos durante o regime nazista, tenha o mínimo de respeito.

Se isso não fosse o suficiente, ele usa a mentira dos ‘nazistas gostavam de gays’ para dizer que os nazistas não podiam ser de direita porque, aparentemente, você precisa ser homofóbico para ser conservador; mesmo que, minutos antes, D’Souza tenha dito que isso não era verdade e tentado associar homofobia à esquerda.

Ele também usa o fato do programa nazista dizer coisas como “serviço de saúde público” para associar o nazismo com Bernie Sanders e Elizabeth Warren (ambos defensores de do serviço de saúde público nos EUA), o que não faz o menor sentido (e Sanders ser de família judia faz disso ainda mais nojento).

As recriações da Segunda Guerra Mundial não são tão ruins, mesmo que sirvam um propósito péssimo e tenham imprecisões históricas. O longa também conta com dois números musicais gospel que só deixam tudo um pouco mais bizarro.

Death of a Nation é um lixo completo. É um filme estúpido que tenta associar adversários políticos a pessoas monstruosas e falha em todos os níveis concebíveis. Seja qual for sua opinião política, isso não muda o fato que esse filme é um pacote de mentiras, teorias da conspiração, pura lógica idiota, falácias, concepções e interpretações erradas, ou, em resumo, um baita papo furado.

LHCP



Abigail Spencer e Aden Young em Rectify (2013), reprodução IMDb

Rectify – 1ª Temporada (2013)



nota: 4/5

MUITO BOM

Direção: Keith Gordon, Billy Gierhart, Nicole Kassell, etc.

Roteiro: Ray McKinnon, Evan Dunskey, Graham Gordy, etc.

Elenco: Aden Young, Abigail Spencer, J. Smith-Cameron, etc.

Gênero: Drama

Duração: 6 episódios de 46min (276min ou 4h36min)

Após ser condenado pelo estupro e assassinato de uma garota e passar 19 anos no corredor da morte, Daniel Holden (Young) é solto por causa de uma nova análise de DNA. Durante o tempo que passou encarcerado, tinha pouco contato humano (e o que tinha era normalmente hostil), vivia numa cela minúscula e praticamente sem comunicação com o mundo exterior. Então, após passar quase duas décadas de sua vida nessa situação, ele é solto. Lá fora, o mundo mudou e sua família também, todos agora o conhecem e o julgam culpado ou inocente, ele passa a ter diversos traumas, dificuldades de interação e ainda arrisca sofrer uma nova sentença. Enfim, ele foi retirado da sociedade e, de repente, jogado de volta nela.

Um dos temas mais recorrentes da primeira temporada de Rectify (2013-2016) é o da desconexão, e, ainda mais, da dificuldade de religação, de Daniel com essa nova realidade e com esse mundo, abandonado há tanto tempo. Quando foi preso, ele era um jovem nos anos 1990, agora, ele é um adulto nos anos 2010; esse choque de realidades (praticamente uma viagem no tempo) é bem explorado na série, mostrando Daniel como alguém perdido, distanciado de todos, com dificuldade de mostrar ou reagir a afeto e a outras emoções, um morto-vivo.

Durante sua ausência, seu pai veio a falecer. Sua mãe (Smith-Cameron) aca-

S01E01 – Always There	★ ★ ★ ★
S01E02 – Sexual Peeling	★ ★ ★ ★
S01E03 – Modern Times	★ ★ ★ ★
S01E04 – Plato’s Cave	★ ★ ★ ★
S01E05 – Drip, Drip	★ ★ ★ ★
S01E06 – Jacob’s Ladder	★ ★ ★ ★

bou casando novamente e, com esse casamento, ganhou dois enteados: Ted Jr. (Crawford) e Jared (Walker). Pelo que a temporada mostra, nenhum desses familiares batalhou muito para provar sua inocência, deixando isso, em grande parte, a cargo de sua irmã, Amantha (Spencer), e de seu advogado, Jon Stern (Kirby). Amantha é uma das únicas pessoas que conseguem se relacionar mais proximamente com Daniel após a sua soltura. O resto da família, em sua maioria, apesar de ficar feliz em vê-lo livre novamente, sempre age com um certo constrangimento, que demonstra uma distância entre eles. A única exceção à alegria, dentro do núcleo familiar, é Ted Jr. que fica, de início, indiferente e com certas ressalvas.

Já ressalvas são o mínimo que outras pessoas têm quanto à soltura de Holden. Em especial, Roland Foulkes (O’Neill), um senador, e Carl Daggett (Evermore), um xerife local, estão convencidos de que ele é culpado e se comprometem a achar maneiras de, finalmente, condená-lo à cadeira elétrica. O principal argumento usado por eles é que Daniel, de fato, fez uma confissão — segundo os parentes, forçada —, que foi o que resultou na primeira condenação.

O primeiro episódio, mesmo que com alguns problemas, consegue se consolidar como um dos melhores da temporada. O que se destaca nele é, principalmente, a maneira como ele introduz a premissa básica da história, as suas personagens e as relações e conflitos entre os diferentes grupos de personagens (e faz isso logo nos

primeiros minutos). O capítulo falha, porém, em apresentar certas informações de maneira natural. Em uma cena, por exemplo, o senador e o xerife, depois da soltura, discutem o caso da condenação, trazendo vários fatos a mesa por meio de diálogos expositivos escritos de maneira nada natural, especialmente se comparados aos diálogos do resto da *première* e da temporada como um todo.

Mas o que realmente move a história para frente são aquelas relações, introduzidas neste episódio, entre os grupos de personagens e entre eles e Daniel: enquanto a irmã e o advogado lutam para manter o irmão e cliente livre, os seus acusadores tentam incriminá-lo; Amantha não mantém as melhores relações com o resto da família pela falta de envolvimento deles com o caso; Ted Jr. quer evitar se envolver com o meio-irmão recém libertado; e por aí vai. E no meio desses conflitos e relações, está Daniel, nada acostumado com o mundo fora das grades.

Quanto ao protagonista, aliás, algo que adiciona à, já complexa, personagem de Holden é a excelente atuação de Aden Young. Além dele se destacar entre o ótimo elenco, ele também ajuda a consolidar uma outra camada à sua personagem que torna a história inteira mil vezes mais interessante e complexa: a ambiguidade.

Acontece que, mesmo que a série foque, principalmente, nessa personagem e em algumas que o consideram inocente (como sua irmã), nunca nos é mostrado, ex-

plicitamente, se Daniel é culpado ou não. Com a audiência deixada às cegas desse jeito, se cria um espaço para ambiguidade em praticamente toda cena, e tanto os roteiristas quanto Young se aproveitam incrivelmente disso. O tempo que ele passou acorrentado na “caverna de Platão” (como a própria série compara o tempo dele preso), também é usado para, além de desenvolver o protagonista, trabalhar esta constante dúvida: ele matou ou não?

Assim sendo, várias das atitudes, falas e comportamentos estranhos que Daniel Holden tem durante o decorrer dos episódios, além poderem normalmente ser justificados por sua falta de costume no mundo fora de sua cela, também podem ser motivados por algum tipo de loucura ou psicopatia, talvez anterior a sua prisão. Com essa mentalidade, o espectador acaba criando também alguma empatia com aqueles que o acusam ou se sentem, como seu meio-irmão, intimidados por ele. Daniel não reage ou mostra muitas emoções, vive falando e fazendo coisas estranhas e foi condenado por estupro e assassinato; essa perspectiva faz com que aqueles que, em outras circunstâncias, seriam considerados “vilões”, se tornem muito mais humanos e realistas.

Ao mesmo tempo, Daniel também é desenvolvido de modo bastante humano, especialmente na maneira como se contrasta, por meio de ocasionais flashbacks, o tempo dele dentro e fora do cárcere. Nessas memórias, é revelado que Daniel fez um amigo no corredor da morte, Kerwin Whitman (Gill), o preso da cela ao lado. Sem revelar muito, os dois mantêm essa amizade apenas conversando pelos buracos de ventilação da cela, criando alguns dos momentos de maior simpatia da audiência com a personagem principal. Além disso, é claro, ele passou 19 anos naquele local e pode ter sido incriminado injustamente. Essa possibilidade, aliada aos momentos de simpatia e a uma determinada interpretação de suas atitudes, também torna justificável a crença em sua inocência.

De qualquer forma, a performance de Young, o roteiro e a direção conseguem passar essas duas conflitantes e concomitantes narrativas de maneira brilhante.

Bem escrita e atuada, brilhantemente ambígua e constantemente boa, a primeira temporada de RectifyΣWW é um sucesso. Os problemas que tem (como a exposição do primeiro episódio) são bem pontuais e, por isso, não

poderiam ser discutidos em um texto sem spoilers. No geral, é um drama bem trabalhado, com personagens e relações bem construídas e desenvolvidas, resultando em um punhado de momentos impactantes e recheados de dubiedade emocional que só beneficiam esse bom início de série.

LHCP

